


# NOSSAS VOZES, POR, NÓS



Leila Maribondo (Org.)



NOSSAS   
VOZES,  
POR,  
NÓS





## **CONSELHO EDITORIAL**

Bárbara Rolim

Bianca Salles Pires

Camila Faria Pançardes

Carlos Douglas Martins Pinheiro Filho

Cláudia Nascimento

Daniel Luiz Arrebola

Daniel Maribondo Barboza

Felipe Moura Fernandes

Guilherme Marcondes dos Santos

Hully Guedes Falcão

Iago Menezes de Souza

Isabel Veloso de Oliveira

Karoline Ruthes Sodré

Juca Ribeiro

Juliana Lencina

Leila Maribondo Barboza

Luana Reis Andrade

Luci Faria Pinheiro

Maria Thereza C. Gomes de Menezes

Marcelo Gomes

Márcio Malta (Nico)

Rodrigo Ribeiro

Railson Barboza

Rosângela Gonzaga de Almeida

Sabrina Parracho Santana



## **EDITORA UANÁ**

### **Editora-Responsável/ Diagramação/ Projeto Gráfico/ Capa**

Leila Maribondo Barboza

### **Prefácio**

Leila Maribondo Barboza

### **Organização**

Leila Maribondo Barboza

N897

Nossas vozes, por, nós / Maribondo, Leila (Org.). – Niterói : Editora Uaná, 2023.  
35 p. : il., color. : E-Book

Disponível em: <https://www.editorauana.com.br/livrosuana>

1 - Literatura brasileira. I. BARBOZA, Leila Maribondo (org.).

ISBN: 978-65-999634-8-3

CDD B869



Atribuição–Não Comercial–Sem Derivações 2.0 Genérica  
(CC BY-NC-ND 2.0)

Acesso livre e gratuito.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição – Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de nenhuma maneira que sugira que o licenciante apoia você ou o seu uso.

Não Comercial – Você não pode usar o material para fins comerciais.

Sem Derivações – Se você remixar, transformar ou criar a partir do material, você não pode distribuir o material modificado.

Licenciamento do conteúdo consultar as autoras.





# Prefácio

Quando me propus a construir o presente livro coletivo, sabia que seria uma grande responsabilidade, uma vez que cada peça do mosaico que me inquietei em fazer, seria a voz de uma mulher. A minha intenção, inicialmente, foi acolher as diferentes formas expressivas produzidas por mulheres, e, ao final da organização desse livro, percebi que o acolhimento atravessou a mim mesma.

Organizar esse livro foi como costurar diferentes expressividades de mulheres que contam, poeticamente, sobre processos tão comuns a todas nós. Desafios em um mundo patriarcal e potências do feminismo em permanente construção na luta por direitos, são alguns dos temas que se evidenciam em cada palavra, verso e pincelada das escritoras e ilustradoras que aqui se apresentam. Como puxar as linhas de lindas e fortes produções, essas artistas ativam os sentidos de quem lê, traduzem as vivências, revelam identificações. A partir de um conjunto de texturas, jeitos e trejeitos de um mesmo novelo, se fez este livro.

Somos múltiplas, plurais e possuímos inúmeros relevos, mas, juntas, temos muito em comum. Compartilhamos o processo de se tornar mulher e tudo o que isso representa.

Este livro possui a intenção de fortalecer a nossa coletividade, as nossas vozes. É com grande prazer, que convido à todes para a leitura deste e-book, que possui: ilustrações, de Francine Marcondes, Ludmila Mattos e Norma Hennemann; poemas, de Elis Campos, Maria de Jesus e Norma Hennemann; e mini contos, de Letícia Lima e Daiana Soares.

Parabenizo à todas as ilustradoras e escritoras, e agradeço, mais uma vez, por depositarem em minhas mãos o manejo das suas obras.

Leila Maribondo





# Sumário

- (1) Sou Meu Lar (Ilustração)  
Francine Marcondes
- (2) Minha Voz (Poesia)  
Norma Hennemann
- (3) Maquiando silêncios (Ilustração)  
Norma Hennemann
- (4) Nos olhos da mulher o véu da verdade (Mini Conto)  
Daiana Soares
- (5) Mulheres Livres 1 (Ilustração)  
Francine Marcondes
- (6) A Tempestade (Poesia)  
Elis Campos
- (7) Mulheres Livres 15 (Ilustração)  
Francine Marcondes
- (8) Querida Amarflis viúva (Mini Conto)  
Letícia Lima
- (9) Sem Título (Ilustração)  
Ludmila Mattos
- (10) As memórias negras da história (Poesia)  
Maria de Jesus
- (11) Mulheres Livres 6 (Ilustração)  
Francine Marcondes
- (12) Nossa Voz (Poesia)  
Maria de Jesus
- (13) Mulheres Livres 12 (Ilustração)  
Francine Marcondes







(1)



de Francine Marcondes

Ilustração

Contato: [ilustrasfran@gmail.com](mailto:ilustrasfran@gmail.com)

Instagram: [@ilustrasfran](https://www.instagram.com/ilustrasfran)





(2)

## Minha Voz

de Norma Hennemann

Minha voz calada, cansada de calar,  
grita silenciosa dentro do peito.  
Minha voz traz o silêncio das avós de minhas avós.  
Cozidas e costuradas em pontos de calda e de fio,  
não tão doces.  
São vozes guardadas em potes de conservas.  
Silêncios e sonhos em seletas salgadas  
e, delicadas folhas de louro decorando mesas  
em festivas datas de aparentes sabores de vida.  
Minha voz maquia silêncio  
de sonhos e fantasias, meus e teus.  
Espreitas sílabas espreitam em cantos de bocas,  
nunca articuladas.  
Minha voz traz o silêncio dos tempos acorrentados.  
Minha voz cala.  
Espera, sente e escuta.  
O eco do ventre que gera o por vir.  
Das avós das avós ...  
Das netas de minhas netas e netos.

Norma Hennemann

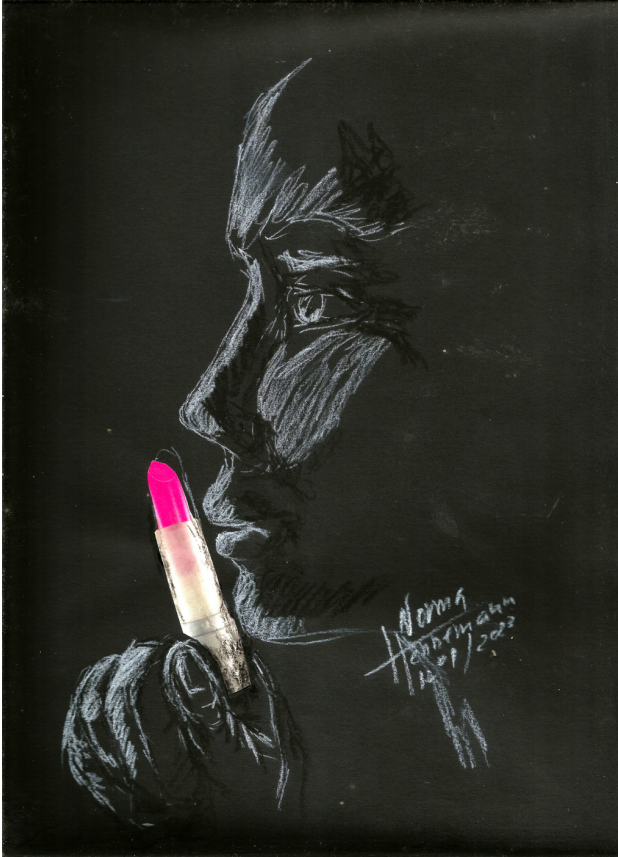
Contato: [nothevs1@gmail.com](mailto:nothevs1@gmail.com)

Instagram: [@normahennemann](https://www.instagram.com/normahennemann)





(3)



de Norma Hennemann

Ilustração

Contato: [nothevs1@gmail.com](mailto:nothevs1@gmail.com)

Instagram: [@normahennemann](https://www.instagram.com/normahennemann)





## (4)

## Nos olhos da mulher o véu da verdade!

de Daiana Soares

Com desprezo folheava aquele álbum de casamento, imagens que o termômetro da felicidade parecia convencer o observador a realidade vista!

Aquele álbum vários momentos da sua vida foi revisitado.

O cenário servia de exemplo do que a jovem não queria para si. O matrimônio, pouco quisto, o ar de felicidade com acréscimo de ocultismo da realidade dos fatos.

Tua avó, a mulher com vestido de noiva de mangas bufantes cujo modelito semelhante ao da Princesa de Gales, trazia no detalhe mínimo o sorriso amargurado e ao tapar com o dedo indicador a boca e o nariz na fotografia, ali presente no olhar a tristeza pairava. Os olhos não mentem as pessoas sim.

Naquela tarde recostada na poltrona, como advogada e estudiosa da fotografia refletiu sobre como importava o status de classe média alta e a imagem da mulher subordinada a defender com silêncios a manutenção da família.





O casamento arranjado, falado nas conversas de fim de tarde por vovó, trazendo um imaginário falso de conto de fadas inexistente. Por conta disso, fiquei com ódio da lembrança de comer ambrosia servida naquela porcelana chinesa Dinastia Ming, tão bem conservada por ela e hoje degusto no copo de extrato de tomate qualquer doce, para não lembrar instantaneamente as reuniões familiares cercadas de histórias mal contadas.

O que não se conta, é despejado seja com açúcar ou bem amargo engolir muitas vezes virou regra. E para a minha surpresa, observando bem o detalhe na foto de busto de vó com véu e buquê, notei a camada forte de maquiagem na proximidade dos olhos arroxeados.

Pouco tempo depois, naquelas conversas saias-justas com mamãe, acabou me relatando como vovô era agressivo desde o início do noivado, mas a imagem de homem valoroso, honesto, religioso e trabalhador deveriam permanecer em promessa de leito de morte de Dona Ruth Gadelhos Albuquerque, esse era o nome de vovó, partiu vítima de um infarto primeiro do que Sr Abílio Carvalho Albuquerque, vovô que passou seus últimos dias numa Casa de Repouso como o mesmo escolheu.

Esse detalhe foi suficiente para render anos de terapia à mamãe. Ao me contar esses fatos, percebi que um peso foi retirado das costas, assim como suspeito que essa parte fosse ocultada nas suas sessões. Quem sou eu para julgar?





Costumo me destrar nas mesas de bares mesclando os drinks de Cuba Libre, Cosmopolitan, Manhattan e Bloody Mary que não podem faltar na noite.

Isso comigo funciona.

Levantei pela quinta vez da poltrona, que foi de Sr. Abílio e dali não chorei dessa vez. Fechei os olhos, sorri e vi Dona Ruth minha vovó afirmando que tudo ficaria bem comigo.

Parecia que ela sabia como conseguir escapar do abuso e da morte recentemente por um relacionamento abusivo. Não deixei de morrer muitas vezes e reencarnei abrindo mão de uma história que quase me levou. A real história de vó me salvou, permitiu que fizesse diferente.

O sagrado feminino deve ser saudado em memória das mulheres que nos antecederam e impulsionaram reescrever narrativas com finais mais que esperados.

**Daiana Soares**

Contato: [daianaolyveyra08@gmail.com](mailto:daianaolyveyra08@gmail.com)

Instagram: [@daiana\\_escritora](https://www.instagram.com/daiana_escritora)





(5)



de Francine Marcondes

Ilustração

Contato: [ilustrasfran@gmail.com](mailto:ilustrasfran@gmail.com)

Instagram: [@ilustrasfran](https://www.instagram.com/ilustrasfran)





(6)

## A tempestade

de Elis Campos

Trilho um caminho sozinha em direção ao mar.  
Somos espelhos, águas profundas, entranhas misteriosas.  
Veloz e calma, compro um jornal, o leio:  
Ventos de Sal.  
Areia Negra.  
Uma mulher morre na linha do horizonte:  
Seu crime?  
Ser Livre!  
Uma mulher vive na linha do horizonte:  
Seu pesar? É o seu milagre!  
Qual?  
Dar a luz ao mundo!  
Fotos nos jornais  
Recorto os rostos e os colo na parede  
Rostos femininos  
Mulheres assassinadas.  
Vozes na tempestade  
"Noite de vento, noite dos mortos"\*  
Elas uivam  
Gritam por suas histórias.  
- Não nos joguem areia! Existirmos! Somos a mancha de sangue  
pisado que querem limpar! Mas transbordaremos! Sempre!  
Choro na tempestade  
Posso um dia ser uma delas,





Ser um rosto no jornal.  
Eu sou a tempestade! Quero afogar o meu inimigo!  
Vozes em turbulência.  
Uma mulher canta na linha do horizonte:  
Sua canção?  
Uma história de vida, um pedido de justiça!

\*Érico Veríssimo. O tempo e Vento. 1949-1962.

**Elis Campos**

Contato: [eliscampos1993@gmail.com](mailto:eliscampos1993@gmail.com)

Instagram: [@eliscampos1993](https://www.instagram.com/eliscampos1993)





(7)



de Francine Marcondes

Ilustração

Contato: [ilustrasfran@gmail.com](mailto:ilustrasfran@gmail.com)

Instagram: [@ilustrasfran](https://www.instagram.com/ilustrasfran)





(8)

## Querida Amarilis viúva

de Letícia Lima

Narrarei, caríssimo leitor, sobre uma mulher chamada Amarílis. Mãe solo, estava desempregada, tinha três bocas para sustentar devido ao triste fim dado ao próprio marido no Morro em que moravam na cidade do Rio de Janeiro dos anos 80. Mais de 10 anos separam o início e o final dessa história.

Homem negro, alto e charmoso, Amarílis o conheceu durante seus tempos de ginásio. Casou e morou com ele por 10 anos, ele aos 20 anos e ela aos 19. Assim como Amarílis, Amadeu Souza Batista não nasceu em berço de ouro. Para sustentar seus filhos e a esposa, trabalhava todo dia, de sol a sol e assim raramente deixava faltar comida e roupa em casa. Fazia diversos tipos de entregas, de comida a mudanças intermunicipais.

Naquele ano, 1981, a família pretendia se mudar do Morro das Figueiras, perto da Praça XV, para um lugar mais seguro.

Volveremos nossa atenção a um dia em especial, o aniversário de Amadeu, quase final de novembro, dia 18/11/1981, um dia antes do Dia da Bandeira.

Ele voltava do serviço a pé. Ao abrir a porta da pequena casa de alvenaria simples, uma euforia tomou conta dele.





Sua família e os vizinhos tinham organizado uma festa surpresa, que iniciou-se antes das oito da noite. Se comeu, bebeu, confraternizou e dançou até perto de duas horas da madrugada.

Quando Amadeu foi se despedir dos últimos vizinhos, houve o terror.

Por trás do homem o ceifador, um tiro de fuzil, manchando a roupa dos últimos convidados e deixando todos da localidade perplexos e revoltados.

Aconteceu que ninguém sabia que a polícia ia fazer uma batida nas bocas de fumo, nos bailes ilegais e em todo o perímetro que cercava a casa da família de Amarílis.

Estouraram a boca que ficava por detrás da sala de estar e invadiram sem piedade aquela propriedade privada de amor conjugal e fraternal. Amarílis escondeu seus filhos no quarto dela e correu com eles para debaixo da cama.

Após não sentir mais sinal de perigo, a mulher sai do quarto. O que vê lhe apavora e atormenta seu espírito de mãe e esposa.

Seu esposo fora vítima de uma execução sumária legitimada pelo Estado, em plena comemoração aos 30 anos de vida, o que era para ser uma festa acabou se tornando um pesadelo amargo e grotesco para Amarílis.

Dois anos após a tragédia, nenhum apoio familiar ela recebeu. Os vizinhos ajudavam como podiam, às vezes com comida e às vezes levando as crianças na escola.





Hoje, dia 12/03/1984, Amarílis tem uma entrevista de emprego, para pleitear a vaga de diarista em um apartamento localizado em Ipanema. Ela era uma mulher de estatura mediana, sua pele era a de uma negra não retinta, contrastando com a pele retinta de seu finado esposo. Os cabelos da nossa protagonista eram cacheados em um tom tão escuro que chegava a ser quase azulado. Eram mais ou menos seis da tarde quando a entrevista começou.

A patroa dela seria a tal da dona Carmelita Araújo de Mello:

- Qual seu nome e idade, menina?-começou a entrevista a futura empregadora. Meu nome é Amarílis Souza Batista de Almeida e tenho 31 anos - apresentou-se então Amarílis.

- Você parece ser boa gente, apesar de negra e já quase quarentona - Esse foi o comentário de Carmelita sobre a candidata.

- Obrigada - agradeceu, quase chorando pelas palavras da mulher, Amarí.

- Você tem filhos ? - perguntou dona Carmelita a aquela "negra que parecia ser boa gente".

- Sim, senhora. Três, dois meninos e uma menina - respondeu a candidatura a sua entrevistadora.

- Que pena, querida. Eu preciso de você de segunda a domingo. Não posso ficar com você porque tu tens muitos filhos - rebateu aquela senhora branca que desde o início parecia não querer dar um emprego a uma negra de mais de 20 anos.





- Mas... senhora, eu preciso muito desse emprego, meus filhos quase passam frio - se lamentava em lágrimas Amarílis.

- Não temos condições, passar bem e você está convidada a se retirar - friamente nas palavras Carmelita expulsava a candidata ameaçando com a linguagem corporal chamar os seguranças.

Saiu daquele antro muito triste e desolada a recém viúva mulher. O que haveria de fazer para sustentar suas crias ? Sucumbir às mulheres " da vida" ? Que destino a vida dela tomaria?

Voltou a casa. Ainda era aquela no Morro das Figueiras. Falou a sua filha menina, Kiliah, que não havia conseguido a vaga.

A filha consolou a mamãe:

-Calma, mamãe Rílis, que vai achar loguinho um trabalho bom...- falava com candura a menina a sua mãe.

-Claro, meu amor, mamãe vai dar o jeito - respondeu Amarí a sua filha, menina que puxou os cachos da mãe e a determinação da mãe, junto com a simpatia e a doçura do finado pai.

Três dias depois de ter procurado outros empregos, em 15/03/1984 enfim chegaria uma boa notícia.

Amarílis fora contratada por uma confeitaria em Botafogo para trabalhar no setor operacional, assando bolos e ajudando os padeiros a fazerem tortas.





A partir do trabalho de confeitaria tudo foi prosperando. Quatro anos depois, em 1988 alugava um pedaço de um apartamento perto do Humaitá para morar com seus filhos mais velhos e a caçula , Javin , Malawi e Kiliah.

Se tornara sócia da confeitaria, partilhando dos lucros junto com o patrão, Mousieur Louis Bourbon

Mas no ano seguinte, em 1989,o patrão queria ofertar-lhe uma pequena miséria contábil :30% de toda a receita da empresa, sem participação ativa nos lucros.

Ela não se contentou. Terminou a antiga parceria com o dono da confeitaria.

Amarílis então decidiu abrir uma barraca própria na rua atrás da confeitaria.

Ao passo de dois anos, faturava mais na sua barraquinha do que trabalhando de carteira assinada para confeitaria. Conseguiu manter uma vida abastada em alimentação para os seus filhos e até aquele momento da vida não se relacionara com ninguém além de Amadeu.

Foi no ano passado, 1994,que um cliente muito fiel lhe chamou atenção pela beleza e gentileza. Parecia já avistado ele em algum lugar, em algum espaço de tempo não recordado.

O nome dele era Cássio e se assemelhava ao primeiro grande amor da sua vida. Namorou o rapaz por três meses e casou com ele dois meses depois, em 15/05/1995.





Hoje, caríssimo público, 16/07/1995, essa mãe Amarílis é muito feliz, junto dos seus filhos (os dois mais velhos, Javin e Malawi, atualmente são, respectivamente, jornalista e chapeleiro) e o seu esposo Cássio, que abriu uma loja para a esposa.

Depois de tantas batalhas na sua vida terrena até aqui, a nossa protagonista confeitadeira pensa em graduar-se em Pedagogia e incentivar sua filha Kiliah, atualmente com 15 anos, para que a mocinha possa ser uma contadora de histórias no futuro.

**Letícia Lima**

Contato: lleticia57@yahoo.com

Instagram: @leh\_ticia09





(9)



de Ludmila Mattos

Ilustração

Instagram: @uranina\_art





(10)

## As memórias negras da história

de Maria de Jesus

Às mulheres sempre querem falar.  
E precisam ser ouvidas.  
Foram anos reprimidas.  
E vamos mencionar elas que tiveram suas vidas destruídas.

Vamos dar um passeio na história  
Tudo começa na África quando a maioria foram  
Arrancadas de suas terras.  
Como se elas não tivessem relevância.  
Mas quem são elas ?  
São a voz da resistência

Por que não entender o contexto de Carolina Maria de Jesus no seu  
diário de favelada .  
A sociedade se cala diante de tantas memórias que estão na história.  
Às mulheres negras parecem que foram rasgadas dos livros.  
Não se fala da sua luta, da sua ancestralidade.

A luta precisa ser enxergada  
As mulheres já avançaram bastante  
Mas precisam ir mais adiante.  
Sem que sua liberdade seja prejudicada.  
E sua vida seja ceifada





Carolina Maria de Jesus relata como a fome maltrata.  
Mas o principal é como a desigualdade mata.  
Mata uma luta, mata a igualdade.  
Quem sobe aos pódios exigindo direito.  
Não é aceito.  
Quantas Marieles precisam morrer para terem voz?  
Quantas Carolinas Maria de Jesus precisam relatar a fome?  
Quantas precisam morrer para que seu legado fique na história?

Quantas histórias são apagadas?  
Quantas mulheres são brutalmente assassinadas?  
O poder sempre pertenceu ao homem e a mulher sendo tratada como  
mercadoria  
Sendo vítima da covardia.

A mulher precisava ser a senhora requintada do lar.  
Precisava bordar e costurar e às sinhá poderiam estudar.  
Algumas até poderiam governar  
Mas sempre um rosto branco.  
E as mulheres negras perguntavam quando a vez delas ia chegar.

A classe feminina sabe o que é a desigualdade.  
Carolina Maria de Jesus tinha vontades,  
Meros desejos simples  
Às vezes só queria ir ao centro da cidade .  
As memórias e as mulheres que fazem parte da história não podem ser  
esquecidas.





Mariele lutava por direitos e para ser ouvida .  
Até o dia que perdeu sua vida

## Maria de Jesus

Contato: mariadejesussantos703@gmail.com

Instagram: @mariadejesus6302

Telefone: (86) 981762603





(11)



de Francine Marcondes

Ilustração

Contato: [ilustrasfran@gmail.com](mailto:ilustrasfran@gmail.com)

Instagram: [@ilustrasfran](https://www.instagram.com/ilustrasfran)





# (12)

## Nossa Voz

de Maria de Jesus

Precisamos cada vez mais nos impor  
Gritar e mostrar nosso valor.  
Precisamos unir forças contra a violência  
A violência das ruas dos lares e em todos os lugares.

A luta feminina ela nunca termina  
Ela não acaba em uma lei  
Ela não acaba em um congresso  
a luta por nossos direitos é sempre um processo.

Porque todos os dias morrem sonhos, morrem Marias Valentinas e Sofias.  
Morrem alegrias e tudo vítimas da covardia .  
Morrem estudantes, morrem manifestantes  
muitas vozes femininas morrem porque a barbárie masculina domina.

É preciso desmistificar o papel da mulher na sociedade  
Precisando dar visibilidade a elas.  
A mulher pode usar o espaço que ela quiser.  
E vivenciar o que puder  
A mulher precisa subir no seu pódio  
Ser artista, política e ser cientista  
Se ela preferir ser dona do seu lar  
Ninguém pode julgar





Que a nossa voz possa ser ouvida.  
Nossos direitos respeitados  
Nossas decisões jamais questionadas  
por ser quem somos  
Porque defendemos aquilo que acreditamos.  
E a nossa voz é fruto daquilo que manifestamos .

## Maria de Jesus

Contato: mariadejesussantos703@gmail.com

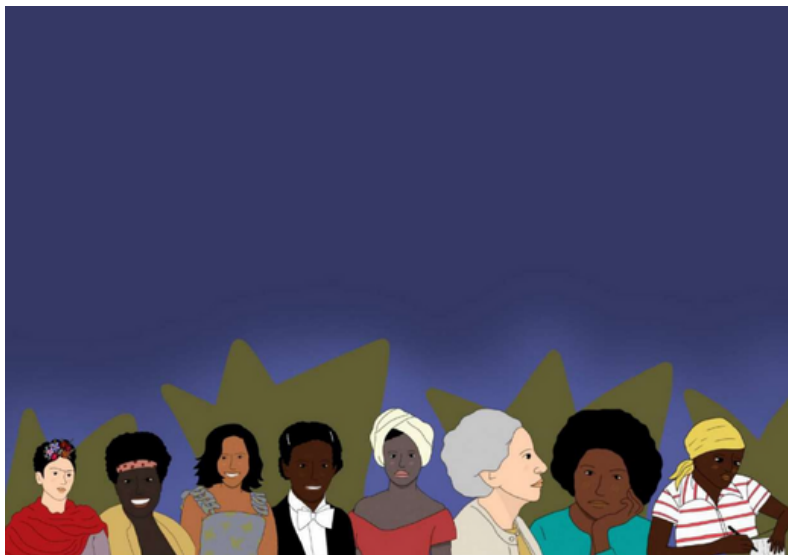
Instagram: @mariadejesus6302

Telefone: (86) 981762603





(13)



de Francine Marcondes

Ilustração

Contato: [ilustrasfran@gmail.com](mailto:ilustrasfran@gmail.com)

Instagram: [@ilustrasfran](https://www.instagram.com/ilustrasfran)







**EDITORA UANÁ**

[www.editorauana.com.br](http://www.editorauana.com.br)

[editorauana@gmail.com](mailto:editorauana@gmail.com)

[@editorauana](#)